

MÉTODO FONOMÍMICO Paula Teles®

Trocas Fonológicas

AOS PAIS, PROFESSORES, PSICÓLOGOS, TERAPEUTAS DA FALA ...

Há muitos, muitos anos, iniciei a caminhada de ajudar crianças e jovens a ler com a fluência leitora¹ adequada ao ano de escolaridade, para que acedam à compreensão do que leem, e a escrever com uma caligrafia cursiva legível e sem erros ortográficos.

Foram “nascendo” diversos livros que fazem parte do **MÉTODO FONOMÍMICO Paula Teles®** especificamente concebidos para ensinar e desenvolver cada uma das competências necessárias à aprendizagem da leitura e da escrita: os **Cartões Fonomímicos** com as Cantilenas do Abecedário, para ensinar as correspondências som-letra; o livro **A Magia dos Sons das Letras** com atividades de desenvolvimento da consciência fonológica, para preparar a aprendizagem da leitura e da escrita; o **Abecedário e Silabário**, para ensinar a leitura de todas as sílabas da língua portuguesa; os livros **A Magia da Leitura 1, 2 e 3**, para treinar a leitura fluente e precisa de palavras e textos.

Tenho partilhado o meu trabalho com pais, educadores, professores, terapeutas da fala, psicólogos, pediatras, neuropediatras, quer na minha clínica, quer em congressos, conferências e seminários que tenho realizado de norte a sul e ilhas do nosso país e em países de língua portuguesa.

Tenho observado, com imensa satisfação, os olhos de muitas crianças e jovens voltarem a brilhar de alegria ao conseguirem ultrapassar as dificuldades. Todos eles melhoraram as suas competências, a ritmos diferentes, e muitos deles já terminaram os seus cursos superiores.

Em alguns casos, os erros ao nível da leitura e da escrita persistem, continuando as trocas entre as letras que correspondem a sons com “diferenças mínimas” – **f/v, t/d, p/b, c/g, x/j, s/z**. Para além destas trocas fonológicas, que são frequentemente mencionadas na literatura, optei por trabalhar outras que surgem com muita frequência na nossa prática clínica – **m/n, b/d, n/d, nh/lh**.

Para ajudar a minorar estas dificuldades tenho continuado o meu trabalho de pesquisa e estudo, mantendo-me atenta aos resultados da investigação científica sobre este tema. Fui elaborando e aperfeiçoando os materiais que apresento neste livro – **Trocas Fonológicas**.

INTRODUÇÃO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aprender a ler.... Ler para aprender.... Ler para crescer...

Um dos marcos de maior relevância, e valor, na vida das crianças é o apropriar-se do “saber ler e escrever”, este conhecimento que lhes permite aceder ao mundo dos crescidos, que lhes permite caminhar pelos saberes, descobrir novos mundos.

A grande maioria das crianças caminha com sucesso e alegria pelas diversas etapas desta aprendizagem. Porém, para algumas, este caminho apresenta-se tortuoso, cheio de dificuldades imprevistas que se vão avolumando à medida que decorrem os anos de escolaridade.

¹ A fluência leitora compreende três dimensões: precisão, velocidade e prosódia.

Aprender a ler e a escrever, numa escrita alfabética, é uma aprendizagem complexa, que exige a aquisição e a automatização de uma hierarquia de habilidades interdependentes.

Citando José Morais (2012), “A aprendizagem da leitura e da escrita exige um ensino explícito, hierarquizado e cumulativo de diversas habilidades – conjunto de processos e representações mentais – adquiridas por aprendizagem explícita a partir da aplicação das capacidades fonológicas e de percepção, de atenção, de memória, de análise, de síntese, etc., a materiais gráficos de um sistema de escrita”.

Na leitura, o primeiro grande desafio com que as crianças se deparam é a apropriação do princípio alfabético – aprender a converter as letras em sons; depois, aprender a ler conjuntamente dois fonemas – fusão fonémica; em seguida, fazer as fusões fonémicas sequenciais – ler palavras; posteriormente, ler textos com a fluência necessária para compreender a mensagem escrita.

Na escrita, o desafio é ainda maior, porque ortografar não é o inverso de ler, é uma competência com um nível de dificuldade mais elevado e que exige a realização de várias operações sequenciais. Inicialmente a criança tem de conseguir segmentar as frases em palavras, dividir as palavras em sílabas, saber identificar/discriminar os fonemas constituintes de cada sílaba e saber qual a letra, ou letras, que deverá escrever para representar esse fonema e, finalmente, saber como realizar a sua representação gráfica.

Na leitura existe uma maior regularidade nas correspondências letra → som do que nas correspondências som → letra e ainda se verifica o efeito facilitador do contexto.

As relações som → letra e letra → som não são biunívocas. Há letras que representam diferentes sons; há letras a que não corresponde qualquer som; há sons que podem ser representados por letras diferentes e até por mais do que uma letra; há sons que são muito semelhantes e há letras que têm formas simétricas.

O nível de regularidade nas correspondências som ↔ letra varia nas diferentes línguas. Há línguas em que as correspondências são bastante regulares, denominadas “línguas transparentes”, como as línguas finlandesa e italiana. Há línguas em que as correspondências são bastante irregulares, denominadas “línguas opacas”, como a língua inglesa. Há ainda línguas em que as correspondências se situam num nível intermédio, denominadas “línguas semitransparentes”, como a língua portuguesa.

Quanto mais irregulares forem estas correspondências, maiores são as dificuldades sentidas, tornando-se necessário um ensino que utilize estratégias explícitas que facilitem a sua aprendizagem.

Analisar em detalhe estas irregularidades, na língua portuguesa, é fundamental para se desenharem programas reeducativos que conduzam a uma intervenção reeducativa com sucesso.

1. Irregularidades nas relações som → letra

• Sons que são representados por uma única letra:

- o som [p] é representado pela letra <p>.
- o som [t] é representado pela letra <t>.
- o som [d] é representado pela letra <d>.

— o som [v] é representado pela letra <v>.

— o som [b] é representado pela letra .

— o som [f] é representado pela letra <f>.

• **Sons que podem ser representados por letras diferentes:**

— o som [i] pode ser representado pelas letras <i> e <e> - **Inês**, **veado**.

— o som [u] pode ser representado pelas letras <u> e <o> - **uva**, **pato**.

— o som [o] pode ser representado pelas letras <ou>, <o> e <ô> - **ouvi**, **ovo**, av **ô**

— o som [ʒ] pode ser representado pelas letras <j>, <g> e <s> - **javali**, **gelado**, **cisne**.

— o som [g] pode ser representado pelas letras <g> e <gu> - **gato**, **guitarra**.

— o som [s] pode ser representado pelas letras <s>, <ss>, <c>, <ç> e <x> - **sapo**, **pintassilgo**, **cegonha**, **garça**, **próximo**.

— o som [k] pode ser representado pelas letras <c>, <q> e <qu> - **camelo**, **quati**, **queijo**.

— o som [ʃ] pode ser representado pelas letras <x>, <ch>, <s> e <z> - **xarroco**, **chá**, **lápiz**, **nariz**.

— o som [z] pode ser representado pelas letras <z>, <s> e <x> - **zebra**, **raposa**, **exame**.

• **Sons que são representados por duas letras:**

— o som [ʀ] pode ser representado pelas letras <rr> - **burro**.

— o som [s] pode ser representado pelas letras <ss> - **pintassilgo**.

— o som [g] pode ser representado pelas letras <gu> - **caranguejo**.

— o som [k] pode ser representado pelas letras <qu> - **arenque**.

— o som [ʃ] pode ser representado pelas letras <ch> - **chimpanzé**.

— o som [ʎ] pode ser representado pelas letras <lh> - **coelha**.

— o som [ɲ] pode ser representado pelas letras <nh> - **galinha**.

— o som das vogais nasais pode ser representado pelas letras <än>, <ën>, <ï n>, <ön>, <ün> e <äm>, <ëm>, <ïm>, <öm>, <üm> - **äntes**, **ämbos**...

2. Irregularidades nas relações letra → som

• **Letras que podem representar sons diferentes:**

Vogais

— a vogal <a> tem o som [a] em **ave**; som [ɐ] em **anel**; som [ã] em **cämpo**.

— a vogal <e> tem o som [ɛ] em **erva**; som [ə] em **jipe**; som [e] em **etapa**; som [ẽ] em **ëmpada**; som [i] em **vêado**.

- a vogal <i> tem o som [i] em **i**guana; som [ĩ] em **ĩ**nfeliz.
- a vogal <o> tem o som [ɔ] em **o**rca; som [O] em **o**vo; som [u] em tí**o**; som [õ] em **õ**mbro.
- a vogal <u> tem o som [u] em **u**vas; som [ũ] em **ũ**mbigo.

Consoantes

- a consoante <c> tem o som [k] em **c**amelo, [s] em **c**egonha.
- a consoante <g> tem o som [g] **g**ato, [ʒ] em **g**elado.
- a consoante <s> tem o som [s] **s**apo, [z] em rapo**s**a, som [ʃ] em lápis.
- a consoante <z> tem o som [z] em **z**ebra, [ʒ] em nari**z**.
- a consoante <r> tem o som [R] em **r**ena, [r] em car**r**acol, par**r**, porta.
- a consoante <x> tem o som [ʃ] em **x**arroco, [z] em ex**x**ame, [s] em pró**x**imo, [k s] em tá**x**i.

3. Letras a que não corresponde qualquer som:

- a vogal <u> não tem qualquer som em: **g**ue, **g**ui, **q**ue, **q**ui.
- a consoante <h> não tem qualquer som em: **h**a, **h**e, **h**i, **h**o, **h**u.
- a consoante <n> não tem qualquer som em: **a**n, **e**n, **i**n, **o**n, **u**n.
- a consoante <m> não tem qualquer som em: **a**m, **e**m, **i**m, **o**m, **u**m.

4. Trocas Fonológicas nos pares de consoantes – f/v, t/d, p/b, c/g, x/j, s/z, m/n, b/d, n/d, nh/lh

Para além das dificuldades causadas pelas irregularidades nas correspondências som ↔ letra, há pares de consoantes que se confundem, na leitura e na escrita, porque são fonologicamente semelhantes e/ou têm formas gráficas idênticas – **f/v, t/d, p/b, c/g, x/j, s/z, m/n, b/d, n/d, nh/lh**.

Estas semelhanças são algumas das causas das trocas na leitura e na escrita. Na leitura, por vezes, estas trocas não são tão evidentes, porque o contexto ajuda a identificar a palavra correta, podendo notar-se apenas um comprometimento da fluência leitora. Na escrita as trocas são mais notórias, não só porque não existe o apoio do contexto, mas também porque ficam registadas.

Os sons que correspondem a letras vogais e a letras consoantes diferem entre si em relação ao modo como se processa a saída do ar através da cavidade oral. Nas vogais a saída do ar processa-se livremente, sem qualquer obstrução. Nas consoantes verifica-se sempre uma obstrução, parcial ou total, sendo caracterizadas em função do ponto de articulação, do modo de articulação e do vozeamento.

- O ponto de articulação diz respeito ao local da aproximação, ou do toque, dos órgãos articulatórios – língua, dentes e lábios – na cavidade oral.
- O modo de articulação diz respeito à forma como o fluxo do ar atravessa a cavidade faríngea, nasal e oral.
- O vozeamento diz respeito à atividade das cordas vocais.

Os pares de consoantes – f/v, t/d, p/b, c/g, x/j, s/z

As trocas entre estes pares de consoantes devem-se ao facto de terem em comum o ponto e o modo de articulação, apenas diferindo em relação ao seu modo de vozeamento, umas são “surdas” e outras “sonoras”:

- as consoantes <f> e <v> são ambas labiodentais, fricativas e orais.
- as consoantes <t> e <d> são ambas dentais, oclusivas e orais.
- as consoantes <p> e são ambas bilabiais, oclusivas e orais.
- as consoantes <c> e <g> são ambas velares, fricativas e orais.
- as consoantes <x> e <j> são ambas palatares, fricativas e orais.
- as consoantes <s> e <z> são ambas dentais, fricativas e orais.
- as consoantes <f>, <t>, <p>, <c>, <x> e <s> são produzidas sem vibração das cordas vocais, são não vozeadas, são consoantes “surdas”.
- as consoantes <v>, <d>, , <g>, <j> e <z> são produzidas com vibração das cordas vocais, são vozeadas, são consoantes “sonoras”.

Estas “diferenças mínimas” no vozeamento são difíceis de ser detetadas por algumas crianças enquanto observam os adultos a falar. Os movimentos dos lábios veem-se, mas a vibração das cordas vocais não se vê, a discriminação é acústica.

A atenção é dirigida para os movimentos dos lábios e não conseguem discriminar a vibração das cordas vocais que se produz nas consoantes vozeadas.

O par de consoantes – m/n

A troca entre este par de consoantes pode ser entendida por ambas serem nasais, vozeadas e apresentarem grafias semelhantes.

- apenas diferem nos pontos de articulação: a consoante <m> é bilabial e a consoante <n> é alveolar.

O par de consoantes – b/d

A troca entre este par de consoantes pode ser entendida por ambas terem o mesmo modo de articulação (são oclusivas) e de vozeamento (são sonoras) e por terem grafias simétricas.

Estas consoantes apenas diferem nos pontos de articulação: a consoante é bilabial, a consoante <d> é dental. Dehaene, no seu livro “Les Neurones de la Lecture” (2007), cita um estudo de Cornell que mostra que estas trocas vão diminuindo e tendem a desaparecer por volta dos 8 anos de idade.

O par de consoantes – n/d

A troca entre este par de consoantes pode ser entendida por ambas serem vozeadas. Diferem nos pontos de articulação (sendo, contudo, muito próximos) e no modo de articulação: a consoante <n> é alveolar e nasal, a consoante <d> é dental e oclusiva.

O par de grafemas complexos – nh/lh

A troca entre este par pode ser entendida por ambas serem palatais, vozeadas e apresentarem grafias semelhantes. Diferem no modo de articulação: <nh> é nasal e <lh> é lateral.

O ESTADO DAS ARTES

Como minorar as dificuldades causadas por estas irregularidades?

Esta questão tem sido recorrente ao longo da minha prática e, de degrau em degrau, tenho procurado encontrar respostas baseadas na evidência científica.

Ao longo das últimas décadas têm sido realizados muitos estudos com o objetivo de compreender quais os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita, qual a sequenciação hierárquica das diversas competências a aprender e a automatizar, quais os princípios, quais os métodos e as estratégias a implementar no ensino de todos os alunos em geral e, muito particularmente, dos alunos com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.

Morais (1997; 2012), Shaywitz (2003), Snowling (2007), Dehaene (2007) e muitos outros investigadores, enunciam princípios orientadores e métodos de ensino facilitadores do sucesso: fónico-silábicos, multissensoriais, sequenciais e cumulativos.

Métodos fónico-silábicos porque estes métodos acompanham o percurso de desenvolvimento da linguagem oral.

Métodos multissensoriais porque as atividades multissensoriais vão ativar simultaneamente várias zonas do cérebro e facilitar as aprendizagens. A discriminação auditiva de cada fonema deve ser associada à visão das formas gráficas (letras) atribuídas a cada fonema; ao gesto associado à sua história-cantilena; ao ato motor correspondente à realização de cada

letra (grafomotricidade) e ao tatear das letras desenhadas e destacadas em relevo. A utilização simultânea dos diferentes sentidos potencia a aprendizagem e a memorização das correspondências som-letra.

Métodos sequenciais e cumulativos porque as diferentes habilidades devem ser ensinadas, passo a passo, sequencial e cumulativamente, até ser conseguida a sua automatização (realização sem atenção consciente e sem esforço), que irá permitir a sua memorização e a construção de um “modelo neurológico” para cada palavra. Este modelo neurológico contém a fonologia, a ortografia e o significado da palavra, permitindo a sua leitura imediata, em cerca de 150 milésimos de segundos, independentemente do tamanho da palavra.

A língua portuguesa possui um sistema de escrita fonémico alfabético que assenta na relação entre sons e letras. Aprender a ler requer o conhecimento consciente dos sons da linguagem falada – **Consciência fonológica** – para posteriormente se aceder ao princípio alfabético.

A **consciência fonológica**, é a habilidade metalinguística que permite analisar e refletir de forma consciente sobre a estrutura fonológica da linguagem oral possui diferentes níveis: palavra, sílaba, unidades intrassilábicas, rima e fonema – a consciência fonémica.

A **consciência fonémica**, é o nível mais abstrato da consciência fonológica, é a habilidade de refletir sobre os fonemas, as menores unidades das palavras capazes de modificar o seu sentido. Esta habilidade é a mais difícil de adquirir, porque na linguagem oral não é perceptível a audição separada dos diferentes fonemas e requer, em muitos casos, o seu ensino explícito e treino.

Têm sido realizados inúmeros estudos sobre a relação entre a consciência fonológica e o sucesso na aprendizagem na leitura e escrita sendo consensual que esta habilidade é considerada a de maior valor preditivo na aquisição desta aprendizagem.

Esta constatação tem dado origem à elaboração de diversos programas de desenvolvimento da consciência fonológica.

Um exemplo de um destes programas de desenvolvimento da consciência fonológica é o livro **A Magia dos Sons das Letras**, que tem sido adotado em diversas escolas e colégios com resultados muito positivos. O livro foi elaborado segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar e permite às crianças aprender, de modo simples e divertido, as Cantilenas do abecedário, desenvolver a consciência fonológica, aprender as correspondências som → letra e desenhar corretamente as letras, depois de passarem os dedos sobre as letras.

Mais recentemente têm surgido estudos, e programas educativos, que enfatizam a importância de uma outra componente da consciência fonológica que se detém sobre as características articulatórias dos fonemas – a consciência fonoarticulatória.

A **consciência fonoarticulatória** é a parte da consciência fonológica que permite refletir de forma consciente sobre as características articulatórias dos fonemas, distinguir os seus diferentes pontos de articulação, perceber que os sons são modificados de acordo com a

posição dos seus articuladores e identificar os gestos motores orais implicados e necessários à articulação de cada som. Em síntese, é a capacidade de refletir sobre os sons da fala e os gestos motores necessários à sua produção.

Tal como acontece com a consciência fonémica, a consciência fonoarticulatória é difícil de adquirir, porque as crianças estão mais sensibilizadas para os conteúdos da linguagem do que para a sua forma acústica e articulatória.

Ter consciência dos gestos motores implicados na produção de cada fonema é importante não só na perceção e produção dos sons, na linguagem oral, mas também na aprendizagem das correspondências grafo-fonémicas, na linguagem escrita. A visualização dos gestos articulatorios permite observar que os sons da fala são produzidos de forma diferente apesar de terem características acústicas e visuais semelhantes.

Como vimos há fonemas que são muito semelhantes, têm diferenças mínimas, sendo mais fácil fazer a sua discriminação pelo modo como são articulados do que pelo seu som.

Estudos realizados por Montgomery (1981), Campbell et al. (1997), Cary & Verhaeghe (2001), De Gelder (1998 e 2001), Boliek et al. (2010), Santos (2011), Dogu (2012) e outros, sobre a consciência dos gestos articulatorios – consciência fonoarticulatória – mostraram que crianças e adultos com dificuldades de leitura apresentam dificuldades em identificar os gestos articulatorios. Esta dificuldade interfere no desenvolvimento da consciência fonológica e na conversão dos sons em letras.

Montgomery (1981, p.235), num estudo com crianças disléxicas e leitores normais, com a mesma idade leitora, conclui que “as crianças disléxicas apresentam grande dificuldade em aceder à articulação através das imagens da língua, dentes e lábios... É colocada a hipótese de que a consciência dos processos articulatorios seja um fator importante a considerar na explicação da dislexia”.

Cary e Verhaeghe (2001, p. 249) concluem que “o facto da dificuldade na consciência dos gestos articulatorios ser uma característica do grupo dos disléxicos, conduz a que o desempenho nesta tarefa permita diferenciar leitores pouco hábeis, porque pouco treinados, de leitores com uma perturbação do sistema de processamento fonológico”.

Vieira e Santos (2010, p. 110) realizaram um estudo com exercícios de estimulação da consciência fonológica e fonoarticulatória tendo concluído que “a utilização de pistas sonoras e fonoarticulatórias auxilia na aprendizagem da leitura e escrita”.

Boyer e Ehri (2011, p.462) concluem “a adição das imagens da articulação, ao treino da segmentação fonémica, melhorou a capacidade de ler palavras comparativamente com o treino apenas com letras”.

Vidor-Souza et al. (2011, p.139) referem: “... pode-se afirmar que existe uma correlação entre consciência fonoarticulatória e aquisição da escrita. Pensar sobre os sons da fala e os movimentos que os articuladores fazem para produzi-los é uma habilidade que parece facilitar a aprendizagem do sistema alfabético da escrita.

Portanto incluir a avaliação da consciência fonarticulatória na rotina das avaliações é bastante proveitoso para a clínica e também para os professores e principalmente para as crianças em fase de iniciação ou com dificuldades de aprendizagem”.

Verhaeghe et al. (2013) realizaram um estudo, de consciência dos gestos articulatórios, com estudantes universitários disléxicos tendo verificado que as dificuldades verificadas em estudos com crianças disléxicas se continuam a observar em estudantes universitários que compensaram a suas dificuldades leitoras. O déficit fonarticulatório persiste em adultos disléxicos que compensaram a suas dificuldades leitoras. A existência deste déficit fonarticulatório pode ser considerada uma característica que permite diferenciar os leitores disléxicos dos leitores fracos por falta de treino de leitura. Resultados idênticos em adultos disléxicos foram encontrados por Griffiths & Frith (2002).

Os resultados destes estudos têm implicações importantes:

- a necessidade de realizar uma avaliação formal da consciência fonarticulatória nas crianças com dificuldades leitoras.
- desenhar programas reeducativos que ajudem as crianças disléxicas a minorar este déficit.

Para avaliar a Consciência Fonarticulatória, Santos et al. (2014) criaram um instrumento de **avaliação da consciência fonarticulatória – CONFIART**. Este instrumento inclui tarefas de identificação da imagem fonarticulatória a partir do som; produção do som a partir da imagem fonarticulatória; identificação da imagem fonarticulatória a partir da palavra; produção da palavra a partir da imagem fonarticulatória. O CONFIART, para além de ser um instrumento de avaliação, pode ser usado como um guia para a intervenção reeducativa.

Os resultados dos diversos estudos inspiraram e fundamentaram a elaboração deste livro **trocas fonológicas** que integra conjuntamente atividades de estimulação e desenvolvimento da consciência fonológica e fonarticulatória em tarefas de leitura e escrita de letras, sílabas, palavras, pseudopalavras e textos.

OBJETIVOS

O livro **trocas fonológicas** utiliza uma metodologia multissensorial – a aprendizagem é feita utilizando simultaneamente as diversas vias de acesso ao cérebro – auditiva, visual, cinestésica/motora e tátil – o que permite intensificar a memorização e a aprendizagem.

Foi elaborado com base nos resultados da investigação científica sobre os benefícios da utilização conjunta de exercícios de **consciência fonológica e fonarticulatória** na aprendizagem da leitura e escrita e na minha longa experiência profissional, como professora e psicóloga educacional, na reeducação das dificuldades leitoras e ortográficas.

Tem como objetivo ensinar as crianças e jovens a ler com a fluência – precisão, velocidade e prosódia – adequada ao ano de escolaridade, para que consigam aceder à

compreensão do que leem, e a escrever com uma caligrafia cursiva legível e sem erros ortográficos.

DESTINATÁRIOS

Destina-se a todas as crianças, jovens e adultos que mantêm dificuldades na discriminação das correspondências som ↔ letra que integram estes “pares mínimos”.

Podem ser realizados individualmente, em grupo, na sala de aula, em casa, em sessões de apoio educativo, como apoio e reforço das aprendizagens escolares.

No 1.º, 2.º e 3.º ciclo de escolaridade pode ser utilizado paralela e interativamente com os livros de **A Magia da Leitura 1, 2 e 3** recorrendo a um, ou a outro, em função das competências que necessitam de ser adquiridas ou reforçadas.

São materiais apelativos que possibilitam a realização de uma intervenção reeducativa multissensorial e sistemática, motivadora e gratificante, que conduz a uma evolução rápida e quantificável das competências fonológicas, da leitura e da escrita.

CRITÉRIOS DE ELABORAÇÃO E MODO DE UTILIZAÇÃO

Na elaboração do livro **Trocas Fonológicas** foram seguidos os critérios definidos para os livros que o precedem no que concerne às cores e desenhos dos sinais diacríticos das letras vogais e consoantes.

Como nos outros livros, as palavras utilizadas foram retiradas do “Portulex”, inventário das palavras constantes nos livros de Português do 1.º ciclo.

Foram criadas “pseudopalavras”, sequências de letras que respeitam as regras fonotáticas, mas que não possuem um significado. As regras fonotáticas são as que determinam as posições em que cada som, ou sequência de sons, pode aparecer na língua. O uso de pseudopalavras é um instrumento muito útil para avaliar, e treinar, as correspondências grafo-fonológicas.

- na formação das pseudopalavras foram utilizados dissílabos e trissílabos, sendo mantidas as letras vogais.
- nos dissílabos as segundas letras consoantes foram substituídas por cada uma das consoantes alvo, alternadamente.
- nos trissílabos as segundas e terceiras letras consoantes foram substituídas por cada uma das consoantes alvo, alternadamente.
- no par **nh/lh** apenas a segunda consoante foi substituída por um grafema complexo, por não serem comuns palavras com dois grafemas complexos. A terceira consoante foi substituída pela segunda consoante da palavra inicial. Foram apresentados os seis pares de consoantes que apenas diferem no vozeamento **f/v, t/d, p/b, c/g, x/j, s/z** – **Pares Mínimos**.

A escolha dos pares **m/n**, **b/d**, **n/d**, **nh/lh** foi feita com base no levantamento dos erros das crianças seguidas na Clínica de Dislexia e também identificados, e referenciados, pelos pais e professores.

Cada correspondência som ↔ letra do par é apresentada com a imagem do Cartão Fonomímico, associada a uma fotografia com os pormenores da articulação do som, pondo em evidência a posição dos articuladores – boca, lábios e dentes – e com indicação das zonas de vozeamento. Foram elaborados exercícios específicos para trabalhar diferentes competências/habilidades:

— Exercícios de **consciência fonológica e fonoarticulatória** que indicam explicitamente a realização sequencial de diversas atividades:

- Observação do Cartão Fonomímico;
- Audição e reprodução da Cantilena do abecedário;
- Observação atenta da fotografia com os articuladores em evidência – boca, lábios e dentes;
- Produção enfatizada do fonema com tomada de consciência dos gestos articulatorios;
- Realização de gestos específicos para sentir a saída do ar, ou para sentir o local da vibração: mão em frente da boca para sentir a saída do ar (nas consoantes surdas), mão na garganta para sentir a vibração das cordas vocais (nas consoantes sonoras), dedo indicador sobre o nariz para sentir a vibração (nas consoantes nasais);
- Consciencialização das características acústicas e articulatórias de cada som do par, exercícios de consciência fonológica e fonoarticulatória.

— **Exercícios de leitura e escrita** para automatizar as correspondências som ↔ letra de cada par:

- De identificação (associando ao gesto) e contagem das consoantes de cada par;
- De leitura de sílabas **consoante/vogal (CV)** e **consoante/vogal/vogal (CVV)**;
- De leitura repetida, cronometrada, de palavras;
- De preenchimento de lacunas em palavras;
- De leitura de palavras que apenas diferem numa letra e escrita de frases contendo essas palavras;
- De leitura e escrita de palavras inventadas, pseudopalavras;
- De leitura repetida, cronometrada, de um texto sobre os **Animais-Fonema**;
- De leitura de um texto, elaborado por uma criança em reeducação na clínica, com o máximo de palavras contendo as letras do par;
- De escrita de uma história com os **Animais-Fonema** do par, procurando usar o máximo de palavras contendo as letras alvo escritas a cor diferente.